ESPAÇO EM REVISTA

ISSN: 1519-7816

https://periodicos.ufcat.edu.br/espaco

A CIDADE DA VALE S.A? PARAUAPEBAS, ENTRE EXPANSÃO URBANA E PERIFÉRICA E A PSICOSFERA DA GRANDE COORPORAÇÃO MINERAL

Mauro Emilio Costa Silva[1]

Sílvia Regina João[2]

BORGES, Júlio César Pereira; TRINDADE, Silas Pereira; BORGES, Cleidiane Custódio. EFEITOS DA REFORMA TRABALHISTA NO AVANÇO DA UBERIZAÇÃO EM CATALÃO - GO: o caso da mobilidade urbana. **Espaço em Revista**, Catalão, v. 27, n. 1, p. 342-365, 2025. DOI: https://doi.org/10.70261/er.v27i1.74892 Disponível em: https://periodicos.ufcat.edu.br/index.php/espaco/article/view/74879

Esta obra está licenciada com uma Licença CC BY 4.0 . Esta licença permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

Recebido: 18/12/2024 | **Aceito:** 03/07/2025 | **Publicado:** 08/07/2025

Resumo

O artigo analisa como a Vale S.A. molda a psicosfera urbana do município de Parauapebas-PA, projetando uma imagem corporativa que mascara os impactos sociais e econômicos decorrentes da mineração. A pesquisa explora as estratégias da empresa na governança territorial e suas influências em áreas como comércio, saúde, educação e a dependência econômica da cidade. A premissa central é que a Vale ultrapassa a atividade da mineração e atua como um agente que governa e molda o espaço urbano e o desenvolvimento local. A metodologia incluiu revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas com atores locais, trabalho de campo e análise de dados socioeconômicos. Também foram investigados o papel da mídia na construção da imagem positiva da empresa e os reflexos dessa imagem no cotidiano urbano. Os resultados mostram que a Vale exerce controle significativo sobre a economia e os serviços locais, promovendo uma narrativa de responsabilidade social e ambiental que oculta desigualdades, precarização de serviços e a expansão urbana nas periferias. Conclui-se que a atuação da Vale acentua desigualdades socioeconômicas, reforça a dependência da cidade em relação à mineração e afeta diretamente o desenvolvimento urbano, especialmente nas áreas periféricas, orientando a dinâmica urbana pelos interesses do capital privado.

Palavras-chave: Mineração. Expansão Urbana. Vale S.A. Pirosfera. Parauapebas.

THE CITY OF VALE S.A? PARAUAPEBAS, BETWEEN URBAN AND PERIPHERAL EXPANSION AND THE PSYCHOSPHERE OF THE GREAT MINERAL COORPORATION

Abstract

This study analyzes how Vale S.A. shapes the urban psychosphere of Parauapebas, projecting a corporate image that masks the social and economic impacts resulting from mining. The research explores the company's strategies in territorial governance and its influences in areas such as commerce,

[1] Professor doutor na Universidade do Estado do Pará, Belém, Pará (PA), Brasil, e-mail: maurobrasilgeo@yahoo.com.br

[2] Professora mestre na Secretaria Municipal de Educação de Parauapebas, Parauapebas, Pará (PA), Brasil, e-mail: silviareginajoao.slr@gmail.com

health, education and the city's economic dependence. The central premise is that Vale goes beyond mining activities and acts as an agent that governs and shapes urban space and local development. The methodology included a literature review, interviews with local actors, fieldwork and analysis of socioeconomic data. The role of the media in building the company's positive image and the effects of this image on urban daily life were also investigated. The results show that Vale exercises significant control over the economy and local services, promoting a narrative of social and environmental responsibility that hides inequalities, precarious services and disorderly urban expansion in the outskirts. It is concluded that Vale's actions accentuate socioeconomic inequalities, reinforce the city's dependence on mining and directly affect urban development, especially in peripheral areas, guiding urban dynamics through the interests of private capital.

Keywords/Palabras-clave/Mots-clés. Mining; Urban Expansion. Vale S.A. Psicosfera. Parauapebas.

LA CIUDAD DE VALE S.A? PARAUAPEBAS, ENTRE LA EXPANSIÓN URBANA Y PERIFÉRICA Y LA PSICOSFERA DE LA GRAN COORPORACIÓN MINERA

Resumen

Este artículo analiza cómo Vale S.A. configura la psicosfera urbana del municipio de Parauapebas-PA, proyectando una imagen corporativa que enmascara los impactos sociales y económicos resultantes de la minería. La investigación explora las estrategias de la empresa en la gobernanza territorial y sus influencias en áreas como el comercio, la salud, la educación y la dependencia económica de la ciudad. La premisa central es que Vale va más allá de las actividades mineras y actúa como un agente que gobierna y da forma al espacio urbano y al desarrollo local. La metodología incluyó una revisión bibliográfica, entrevistas a actores locales, trabajo de campo y análisis de datos socioeconómicos. También se investigó el papel de los medios de comunicación en la construcción de una imagen positiva de la empresa y los efectos de esta imagen en la vida cotidiana urbana. Los resultados muestran que Vale ejerce un control significativo sobre la economía y los servicios locales, promoviendo una narrativa de responsabilidad social y ambiental que esconde desigualdades, servicios precarios y expansión urbana desordenada en la periferia. Se concluye que las acciones de Vale acentúan las desigualdades socioeconómicas, reforzando la dependencia de la ciudad de la minería y afecta directamente el desarrollo urbano, especialmente en las zonas periféricas, guiando la dinámica urbana a través de los intereses del capital privado.

Palabras clave: Minería. Expansión Urbana. Vale S.A. Psicosfera. Parauapebas.

1 Introdução

A cidade de Parauapebas, localizada no estado do Pará, destaca-se no cenário nacional como um dos maiores polos de mineração do Brasil, sendo amplamente influenciada pela presença da Vale S.A., uma das maiores corporações mineradoras do mundo. O município, criado na década de 1980 para atender às demandas do Projeto Carajás, cresceu de forma acelerada em decorrência das atividades mineradoras, o que gerou significativos impactos urbanos, sociais e econômicos.

O domínio da Vale S.A. vai além da extração mineral. A empresa desempenha um papel central na dinâmica urbana e econômica da cidade, consolidando uma influência que não se limita à criação de empregos, mas também abrange a organização do espaço urbano e o fornecimento de serviços essenciais. Essa atuação molda uma espécie de psicoesfera corporativa, onde a imagem institucional da empresa é construída para destacar sua responsabilidade social e ambiental, mascarando os desafios enfrentados pela população local, especialmente nas áreas periféricas.

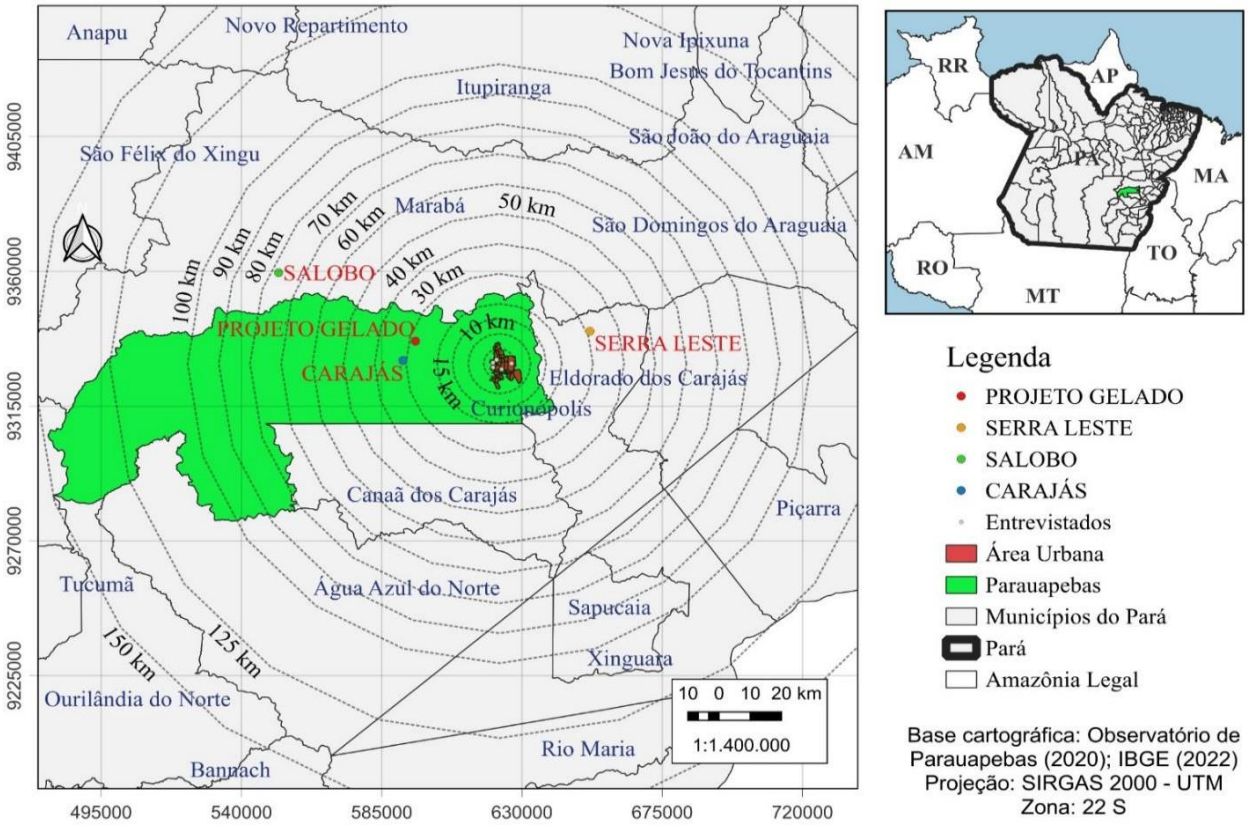
Nesse contexto, Parauapebas é marcada por uma dualidade: enquanto o centro regional apresenta uma infraestrutura que reflete os investimentos da mineração, as periferias sofrem com a falta de políticas públicas adequadas. Essa disparidade escancara as desigualdades socioeconômicas geradas ou agravadas pela forte dependência do município em relação às atividades mineradoras.

O objetivo deste estudo é analisar como a Vale S.A. consolida sua presença em Parauapebas, tanto por meio da governança territorial quanto pela construção de uma imagem corporativa que influencia diretamente o desenvolvimento urbano e periférico. A pesquisa busca compreender as estratégias utilizadas pela corporação para moldar a cidade, evidenciando os impactos socioeconômicos e as contradições geradas pela mineração.

Assim, este trabalho parte de uma abordagem crítica para refletir sobre o papel da grande corporação mineral na transformação do espaço urbano de Parauapebas, questionando os limites entre desenvolvimento econômico, responsabilidade social e as implicações de um modelo urbano baseado na dependência de uma única atividade econômica.

A presença da Vale S.A. em Parauapebas remonta à década de 1980, quando a empresa, então estatal Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), iniciou as operações do Projeto Ferro Carajás, localizado na Serra dos Carajás, região rica em minérios. A descoberta das reservas minerais na década de 1960 foi um marco para a definição de estratégias de exploração e desenvolvimento econômico no sudeste do Pará, hoje região imediata de Marabá. A partir de 1985, com a inauguração da mina de Carajás e da Estrada de Ferro Carajás (EFC), a Vale consolidou sua atuação na região, tornando Parauapebas uma cidade diretamente influenciada pela atividade mineradora. Como mostra o mapa 1.

Mapa 1 - Parauapebas e localização das minas



Fonte: Autor, 2024

A instalação da empresa trouxe consigo um intenso fluxo migratório, impulsionado pelas oportunidades de trabalho geradas pela mineração. Esse fenômeno provocou um rápido crescimento populacional, resultando na urbanização de Parauapebas e no surgimento de áreas periféricas. A Vale também desempenhou papel central na construção de infraestrutura básica na cidade, como estradas e instalações urbanas, embora essa atuação tenha sido direcionada prioritariamente para atender às necessidades logísticas e operacionais do setor mineral (Ferreira, 2009).

A mineração desempenha um papel central na economia e na organização social de cidades mineradoras, como Parauapebas, destacando-se como a principal atividade econômica local. A presença de grandes empresas, como a Vale S.A., promove uma série de transformações econômicas e sociais no território, ao mesmo tempo em que gera desafios complexos.

Portanto, é evidente que a mineração, apesar de impulsionar o crescimento econômico e fomentar o desenvolvimento local em curto prazo, também gera desafios que exigem atenção

das autoridades e da sociedade civil. A busca por um equilíbrio entre os benefícios econômicos e a redução dos impactos negativos da atividade mineradora é essencial para garantir o bem-estar social e o desenvolvimento sustentável das cidades mineradoras como Parauapebas.

2 A urbanização, mineração e políticas públicas

A urbanização periférica é um fenômeno amplamente observado em cidades que experimentam rápido crescimento, frequentemente associado a processos de industrialização ou à presença de grandes corporações, como é o caso de Parauapebas. Esse tipo de expansão urbana é caracterizado pela ocupação de áreas distantes do centro, muitas vezes sem a infraestrutura adequada para atender às demandas da população local.

No contexto de Parauapebas, a urbanização periférica está intimamente relacionada às desigualdades socioeconômicas, que se manifestam em diversas formas. De acordo com estudos sobre desenvolvimento urbano, as áreas periféricas geralmente concentram populações de baixa renda, que enfrentam dificuldades para acessar serviços básicos, como saúde, educação e transporte público (Santos, 2006).

Além disso, a dependência econômica da cidade em relação à mineração intensifica esses desafios. A expansão das atividades mineradoras promoveu o crescimento demográfico, mas não foi acompanhada por políticas públicas eficazes para mitigar os impactos sociais e ambientais. Dessa forma, surgem áreas periféricas marcadas por condições precárias de habitação e infraestrutura, agravando a exclusão social e econômica (Maricato, 2010).

A desigualdade também se reflete no acesso a oportunidades de emprego e qualificação profissional. Enquanto os trabalhadores vinculados diretamente à indústria mineradora possuem, em geral, melhores condições de trabalho e remuneração, grande parte da população periférica depende de empregos informais e instáveis. Esse contraste reforça a polarização socioeconômica e limita a mobilidade social (Rolnik, 2009).

Nesse cenário, é fundamental que sejam adotadas políticas públicas que promovam o planejamento urbano inclusivo e a diversificação econômica. Investimentos em infraestrutura, saneamento básico e programas de habitação social são medidas essenciais para reduzir as disparidades e melhorar a qualidade de vida nas áreas periféricas, promovendo uma urbanização mais equitativa econômica e ambientalmente.

A relação entre políticas públicas e a dependência econômica da mineração em municípios mineradores, como Parauapebas, destaca uma série de desafios estruturais. A

atividade mineradora, frequentemente tratada como alavanca de desenvolvimento, também gera uma dependência econômica que pode comprometer a sustentabilidade do crescimento local a longo prazo. Essa dependência é especialmente visível em cidades que possuem sua base econômica concentrada em um único setor produtivo, como a extração mineral.

No contexto de Parauapebas, a mineração promovida pela Vale S.A. molda diretamente as dinâmicas econômicas e sociais. A arrecadação proveniente da Compensação Financeira pela Exploração de Recursos Minerais (CFEM) representa uma parte significativa do orçamento municipal, permitindo investimentos em infraestrutura, saúde e educação. No entanto, essa receita é sazonal e vulnerável às flutuações do mercado global de commodities, criando um ciclo de instabilidade financeira.

As políticas públicas enfrentam o desafio de diversificar a economia local para reduzir a dependência exclusiva da mineração. No entanto, muitas vezes observa-se uma falta de planejamento integrado e de incentivos a setores alternativos, como a agricultura sustentável, o turismo ou a indústria de transformação. A ausência de estratégias eficazes para a diversificação econômica reforça a posição dominante das mineradoras na governança local, dificultando a construção de uma economia resiliente.

Adicionalmente, a dependência econômica da mineração gera consequências sociais significativas, como desigualdades regionais, expansão urbana desordenada e precarização de serviços nas áreas periféricas. A concentração de investimentos em regiões centrais ou próximas às operações mineradoras frequentemente deixa as populações mais vulneráveis à margem dos benefícios econômicos.

Portanto, é essencial que as políticas públicas adotem uma abordagem sistêmica que considere não apenas os benefícios imediatos da mineração, mas também os impactos de longo prazo na sustentabilidade econômica e social do município. Investimentos em educação, qualificação profissional e inovação tecnológica são fundamentais para preparar a cidade para um cenário pós-mineração. Dessa forma, é possível criar alternativas econômicas capazes de garantir o desenvolvimento contínuo e equilibrado, reduzindo a dependência da exploração de recursos naturais.

3 Estratégias da Vale na consolidação de uma psicosfera urbana

A Vale S.A., enquanto uma das maiores corporações de mineração do mundo, desenvolveu estratégias específicas para consolidar um conjunto de pensamentos e

comportamentos denominado de "Psicosfera" por Santos (1996) urbana em Parauapebas, projetando sua imagem corporativa como uma força promotora de progresso e responsabilidade social. Essa psicosfera, que combina práticas de governança territorial e narrativas institucionais, busca moldar percepções coletivas sobre o papel da empresa na cidade e minimizar a visibilidade de impactos negativos gerados pela atividade mineradora.

Entre as principais estratégias empregadas pela Vale, destaca-se o investimento em projetos sociais e culturais, frequentemente associados ao discurso de responsabilidade social. A empresa promove ações em áreas como saúde, educação e meio ambiente, apresentando-se como parceira do desenvolvimento local. Essas iniciativas são amplamente divulgadas pela mídia local e nacional, contribuindo para a construção de uma imagem positiva perante a sociedade e as autoridades.

Além disso, a Vale mantém uma presença significativa no apoio à infraestrutura urbana. Obras de melhoria em vias públicas, doações para equipamentos de saúde e educação, e patrocínios para eventos culturais são frequentemente anunciados como parte de sua contribuição para o crescimento de Parauapebas. Essas ações reforçam a ideia de que a cidade depende da empresa para seu desenvolvimento, fortalecendo a percepção de que a Vale é indispensável para a sustentabilidade do município.

Outro ponto importante é o controle indireto que a Vale exerce sobre os discursos relacionados à sua atuação por meio de parcerias com a mídia local. A empresa utiliza esses canais para destacar suas ações positivas e, em muitos casos, neutralizar críticas sobre questões ambientais, precarização do trabalho ou desigualdades geradas por sua presença na região.

A psicosfera urbana também se consolida pela dependência econômica que a empresa fomenta na cidade. Grande parte do comércio, da prestação de serviços e da geração de empregos está diretamente ligada às operações da Vale. Essa dependência cria um ambiente em que os interesses da empresa se tornam intrínsecos ao funcionamento da cidade, moldando as dinâmicas sociais e econômicas locais.

A figura 1 mostra uma atividade comercial que participa da rede credenciada para descontos dos funcionários da empresa, sendo mais presentes na periferia os comércios são dos mais variados seguimentos, desde farmácia a lojas de conveniência.

Figura 1 –Farmácia Popular



Fonte: Autor, 2023.

O empreendimento da figura 1 fica em uma rua principal do centro de Parauapebas no Bairro Cidade Nova, onde se concentra parte do comércio local e as agências bancárias, e também várias clínicas e o hospital municipal da cidade.

Essas estratégias, ao mesmo tempo que promovem melhorias pontuais, também mascaram problemas estruturais associados à mineração, a saber: as desigualdades sociais, o crescimento urbano desordenado e os impactos ambientais são frequentemente ofuscados pela narrativa corporativa de progresso, dificultando uma análise crítica mais aprofundada sobre os efeitos reais da atuação da empresa no território.

Em tese, a psicosfera é, invariavelmente, irradiada pelo meio técnico-científico informacional (Santos, 2004), pois se trata de uma condição simbólica e psicológica, do reino das ideias, das mentalidades. Os sistemas de ações fazem parte da psicosfera, criando e condicionando hábitos e vontades da sociedade.

É a informação que permite a ação coordenada, no tempo e no espaço, indicando o momento e o lugar de cada gesto sugerido as séries temporais e os arranjos territoriais mais favoráveis a um rendimento máximo da tarefa projetada. “A ação codificada é presidida por uma razão formalizada, ação não isolada e que arrasta, ação que se dá em sistema, e tem um papel fundamental na organização da vida coletiva e na condução da vida individual” (Santos, 1994, p.223).

De acordo com Santos (1996), as ações dos atores hegemônicos são exercidas através da informação, como também da técnica e da ciência. Dessa forma, as grandes empresas ou os governos são capazes de criar um imaginário, induzindo desejos de consumo e até opiniões

políticas, essa criação se dá com discursos estudados e manipulados, a partir de um centro decisório, que se expande por todo o espaço, influenciando as mais diferentes classes da sociedade.

Para minimizar os efeitos da falta de emprego formal, principalmente nas cidades com crescente número de desempregados, a doutrina neoliberal se propõe a divulgar e estabelecer uma mentalidade "empreendedora" para boa parte dessa população afetada pelas adversidades do mercado de trabalho. Em linhas gerais, essa doutrina ensina ao trabalhador que ele deve trabalhar o máximo possível de tempo, sem reclamar e com entusiasmo, pois dessa forma, conseguirá sair da miséria e colherá os frutos de seu trabalho, se tornando rico.

A promessa do trabalho autônomo e lucrativo faz com que boa parte da classe média e alta apoie esse tipo de trabalho precário, mas o que se vê, na verdade, são pessoas que sem a opção de um trabalho formal e com carteira assinada, recorram à informalidade, se subjugando às mais difíceis condições de trabalho (Santos, 1996).

A construção desta psicosfera foi trabalhada durante os anos mais recentes, com base em casos de poucas pessoas que criaram grandes fortunas com o trabalho autônomo e vendem essa exceção em forma de conquista para o trabalhador comum, através de cursos e palestras. Contudo, percebe-se que a reestruturação produtiva e a própria ideologia neoliberal são fatores preponderantes para a formação de condições de trabalho precárias e para a criação dessa mentalidade de apoio ao individualismo extremo.

De acordo com Santos (2004), com o desenvolvimento dos meios de telecomunicação e dos satélites artificiais, as informações tornam-se instantâneas e os eventos simultâneos. Neste sentido, os computadores propiciaram expressivos avanços nas comunicações e na manipulação das informações. Este fato possibilitou maior integração produtiva e financeira, além de promover o crescimento dos capitais fictícios e das bolsas de valores. Destarte, o atual sistema financeiro é altamente informacional e baseado na desregulamentação financeira.

Após a Revolução Técnico-Científica, a racionalização atinge mais intensamente o espaço. Neste âmbito, a racionalidade espacial está vinculada às máquinas e à mecanização. Por conseguinte, quanto mais artificial um espaço, mais racional ele é (Santos, 1994). Neste sentido, a implementação da atividade da mineração, necessitou articular a mina com a cidade, numa racionalidade espacial, cuja tecnificação tornou-se uma necessidade para a reprodução da empresa, Vale.

Santos (2004) afirma que o meio geográfico teve três etapas, sendo a hodierna que dialoga com o espaço de Parauapebas, o meio técnico-científico informacional, iniciado após a

Segunda Guerra Mundial e consolidado no decênio de 1970, nele, o mercado global une técnica, ciência e informação, entendidas como as bases do espaço e da produção, além disso, é válido sublinhar que os objetos técnicos conferem materialidade ao território (Santos, 1994).

Os objetos técnicos alcancam a prática espacial de uma sociedade, diz Lefebvre (2004, p. 65), "secreta seu espaço; ela o põse e o supõe, numa interação dialética: ela o produz lenta e seguramente, dominando-o e dele se apropriando". O comércio informal nas ruas que consistem em modificações deliberadas, tanto efêmeras quanto duráveis, promovidas por usuários tendo como base práticas colaborativas do tipo "faça você mesmo", as residências informais, tanto de moradores de rua como dos movimentos de moradia e resistência. Esses exemplos revelam que as práticas espaciais podem ir muito além do "percebido" e, por sua vez, atuar diretamente no "vivido" com a criação de dimensões residuais do "concebido".

Deixam claro que é apropriado dizer que uma prática espacial pode se aproximar do "concebido", mas o faz na medida em que ela "deve possuir certa coesão, o que não quer dizer uma coerência" (Lefebvre, 2004, p.66). Considerando que a "coerência" resulta da visão instrumental da cidade, predominante nas representações do espaço, nas quais "tudo deve integrar-se numa ordem (aparente e fictícia) fortalecida pelas coações. Tudo, salvo um resíduo de desordem e de liberdade, às vezes tolerado, às vezes perseguido" (Lefebvre, 2004, p.44).

Como adverte Lefebvre (2004, p.65): "para a análise, a prática espacial de uma sociedade se descobre decifrando seu espaço". Assim, por mais que a intenção aqui seja refletir sobre as consequências epistemológicas da psicogeografia, essa não pode jamais ser pensada fora de sua dimensão empírica relacionada à prática que deriva.

6 Resultados e discussões

A análise do perfil dos trabalhadores revela que a maioria é composta por indivíduos jovens, solteiros, sendo notável que uma parte significativa vem do Maranhão. Como pode ver no quadro 1.

Quadro 1- Perfil Pessoal dos Trabalhadores Entrevistados

Entrevistado	Idade	Estado civil	Nascido	Bairro que Reside	Com quem Mora	Cor	Tempo na Cidade	Bairro que morou
André	46	Solteiro	Bacabal - MA	Liberdade 1	Só	Parda	24 anos	Betânia
Robson	21	Solteiro	Tocantinópolis - TO	Cidade Nova	Amigo	Parda	1ano 8m	Cidade Nova
Carlos	40	Casado	Apodi - RN	Cidade Nova	Esposa e filhos	Parda	14 anos	Cidade Nova
Manoel	39	Solteiro	Açailândia - MA	Cidade Nova	Só	Branca	3 anos	Bairro da Paz
Paulo	36	Casado	Ourilândia-PA	Da Paz	Esposa	Parda	Cerca de 35	Rio Verde
Antônio	22	Solteiro	Alto Alegre do Pindaré - MA	Novo Horizonte	Família pai, mãe e irmão	Negro	10 anos	Betânia
Ítalo	30	Solteiro	Curionópolis-PA	Cidade Nova	Só	Parda	1 ano e meio	Cidade Nova
Clara	28	Casada	Parauapebas-PA	Da Paz	Esposo	Negra	28 anos	Bela Vista
Ana	40	Solteira	Tucuruí-PA	Cidade jardim	Irmã, cunhado, sobrinha	Indígena	13 anos	Vários bairrose no núcleo

Fonte: João, 2024.

No entanto, quatro dos entrevistados nasceram no Pará, embora, exceto dois deles, o restante seja reconhecido como paraenses ou parauapebenses pelo tempo de residência na cidade. A maioria mora de aluguel e fez poucas mudanças de endereço ao longo do tempo. Em relação à identidade étnica, apenas um entrevistado se identificou como branco, um como indígena, dois como negros, e os demais como pardos, demonstrando um conhecimento claro sobre suas origens, que refletem a diversidade histórica das regiões do Pará e Maranhão.

Carlos, um entrevistado de 40 anos, natural do Rio Grande do Norte, é casado e chegou a Parauapebas há 14 anos para trabalhar na Vale. Sua decisão de migrar para a cidade está diretamente ligada a uma parceria entre a Vale e o CEFET, de onde ele concluiu o curso técnico e participou de um processo seletivo, ao longo de sua trajetória, Carlos optou por um curso técnico, considerando-o uma porta de entrada mais imediata para o mercado de trabalho, ao invés de um curso superior em contabilidade, que exigiria mais tempo. Ele destaca que, na época, o setor de petróleo e energia no Rio Grande do Norte estava em expansão, e ele foi atraído pelas oportunidades de emprego nesses setores.

O período entre 2007 e 2008 foi de forte crescimento econômico no Brasil, impulsionado, principalmente, pela alta demanda de commodities, como minério de ferro, soja e petróleo, especialmente devido à crescente demanda da China. Esse cenário de expansão econômica, impulsionado pela política fiscal responsável e pela inclusão social, gerou crescimento no mercado de trabalho, beneficiando as regiões Norte e Nordeste, onde o setor de mineração e energia teve destaque.

A crise financeira de 2008 afetou o ciclo da mineração no Brasil, impactando negativamente a demanda por commodities, como o minério de ferro. Esse impacto foi refletido na redução de investimentos e na retração de grandes projetos de mineração, como os de Carajás. A Vale, como uma das maiores mineradoras, teve que ajustar suas operações e postergar novos investimentos devido à desaceleração econômica global.

Carlos relata que sua escolha pelo curso técnico foi motivada pela necessidade urgente de garantir uma fonte de renda. Ele menciona que, devido à falta de recursos financeiros, optou por ingressar no mercado de trabalho o quanto antes, deixando o curso superior para um momento futuro. Além disso, ele percebe sua renda como enquadrada na classe C, com uma base de quatro salários-mínimos, sem considerar outros aspectos de sua vida, como a falta de uma casa própria.

Carlos também destaca os desafios que enfrenta ao tentar adquirir uma casa na cidade, devido ao alto custo dos imóveis e ao aumento constante dos preços, especialmente após grandes obras de infraestrutura, como o Programa Municipal de Saneamento Ambiental e Macrodrenagem, que impulsionaram o aumento da população e o valor do mercado imobiliário.

A infraestrutura de transporte no bairro é bastante eficiente, visto que é uma área central, o que garante que a maioria das linhas de ônibus passe por pelo menos uma das principais vias. Isso, em teoria, deveria beneficiar os moradores. No entanto, ainda é comum que as pessoas dependam de aplicativos de transporte, mototáxis ou enfrentem atrasos ao utilizarem seus próprios veículos para compromissos.

> “Silvia: Como você costuma se locomover em Parauapebas? Sempre usou carro, ou já teve moto? Carlos: Não, nunca tive moto. Quanto ao transporte público, utilizo o coletivo, embora evite usá-lo devido às condições precárias. Não sou muito fã de usar transporte coletivo, mas já precisei bastante. Dependendo do percurso, muitas vezes prefiro ir a pé. Quando morava em outros bairros, usava mais o transporte público”.

A cidade oferece bons serviços de saúde, tanto públicos quanto privados. Há um hospital municipal e uma unidade de saúde da família para quem depende do SUS, mas a rede privada

é bem diversificada, com boa parte dos estabelecimentos localizados na rua onde Carlos mora e em bairros próximos, como o União.

Silvia: Você tem plano de saúde? Ele cobre todas as necessidades da sua família, como vacinação, consultas e cirurgias? Carlos: Sim, temos plano de saúde. A gente paga uma taxa, que é proporcional ao que utilizamos. Por exemplo, uma consulta de emergência tem um valor menor, enquanto cirurgias têm outro custo. O desconto é feito diretamente no contracheque.

> "Silvia: Você consegue atendimento nas clínicas aqui do bairro ou precisa ir a hospitais em outros lugares? Carlos: Alguma especialidade conseguiu atender aqui nas clínicas do bairro, mas para outras, como algumas consultas e procedimentos, precisamos agendar em hospitais em Carajás ou no Hospital Santa Terezinha. No caso da odontologia, há várias clínicas que atendem pelo plano aqui mesmo no bairro".

Ana, entrevistada de Tucuruí (PA), tem 40 anos, é solteira e vive em Parauapebas há 13 anos. Sua trajetória está muito ligada ao desenvolvimento da região e à mineração. A construção da hidrelétrica de Tucuruí foi um marco na sua vida, e ela seguiu para Parauapebas para trabalhar na Vale. Ana se formou em Engenharia de Minas e Meio Ambiente, curso que ela escolheu por seu potencial profissional, principalmente relacionado à mineração. Ela conta sobre sua trajetória e os desafios que enfrentou até chegar à Vale, como a escolha do curso e a opção de estudar em Marabá devido à proximidade com a universidade federal.

Ao ser questionada sobre sua renda e classe social, Ana tem uma boa percepção de sua situação. Embora o salário que recebe como Analista Master a posicione na classe B (com uma remuneração de nove salários-mínimos, considerando apenas esse critério), ela já possui casa própria e reside em um bairro em expansão imobiliária e comercial. O bairro, também classificado como de classe média, se destaca por seu crescimento.

Se comparado ao Cidade Nova, o Cidade Jardim, onde Ana vive, é uma área com mais espaço para crescer e com uma oferta variada de serviços, como varejo, saúde e opções de lazer, incluindo um shopping e a rede de atacados Mix Mateus, além do Assaí atacadista nas proximidades. Embora haja um problema com o abastecimento de água em algumas áreas, o bairro tem se desenvolvido rapidamente.

Ana descreve seu bairro como um local de classe média para baixo, destacando que, apesar de ainda haver lotes em construção, a infraestrutura já está bastante avançada, a região possui asfalto, sistema de esgoto, água, coleta de lixo regular e estabelecimentos essenciais, como bancos, farmácias e supermercados. Ela observa que o bairro tem se tornado mais próspero com o tempo, já não é mais comum encontrar casas de madeira, e o comércio local

tem se expandido. Ela também menciona que não precisa mais ir à cidade vizinha para resolver suas necessidades, pois tudo o que precisa está disponível em seu bairro.

Quanto ao seu trabalho, Ana atualmente realiza suas atividades no formato home office, indo ao escritório apenas quando necessário. A distância até o local de trabalho é de aproximadamente 2h30, o que torna o trajeto exaustivo e arriscado. Ela comenta que, embora o home office tenha se tornado mais cansativo com o tempo, devido à dificuldade de estabelecer uma rotina clara, acredita que essa modalidade é vantajosa, já que elimina a necessidade de deslocamento e contribui para uma maior disponibilidade para o trabalho.

Em relação ao lazer, Ana explica que, em outra fase de sua vida, costumava sair mais, mas atualmente prefere ficar em casa. Ela faz passeios ocasionais, como andar de bicicleta, e gosta de explorar novos lugares na cidade, como parques e lagos, mas não é uma frequentadora assídua desses locais. Ela também menciona que tem se dedicado à academia por recomendação médica.

Ana também observa o alto custo de vida nas cidades mineradoras, como Parauapebas, que são mais caras devido à presença da mineração. As cidades do sul do Pará, especialmente Canaã dos Carajás, Parauapebas e Marabá, têm um custo de vida mais elevado, principalmente devido aos preços de alimentos e energia. Ela destaca que, embora a cidade tenha a hidrelétrica de Tucuruí, que abastece principalmente a mineração, os custos de energia continuam altos, o que é uma contradição, já que a fonte de energia está tão próxima.

Além disso, Parauapebas tem se transformado em um importante centro urbano, com um setor de estética em expansão e a chegada de grandes redes comerciais que antes só estavam presentes em cidades maiores, como São Paulo e Goiânia. Ana, por exemplo, menciona que os serviços de estética, como botox e depilação a laser, que antes exigiam viagens para outras cidades, agora estão disponíveis localmente.

Por fim, ela fala sobre as implicações da construção da hidrelétrica de Tucuruí, que foi projetada para atender às necessidades da mineração, mas causou grandes problemas para os moradores da região do rio Tocantins, que foram impactados pela construção da barragem. Ela reconhece que, apesar dessas dificuldades, Parauapebas continua a se moldar como uma cidade voltada para a mineração, refletindo o crescimento e as transformações que a atividade traz para a região.

Outro aspecto crucial para a cidade é a educação, especialmente porque Ana tem uma sobrinha em idade escolar que vive com ela. Perguntei se ela conhecia o sistema educacional de Parauapebas, e ela explicou que as escolas municipais adotam um regime de horários

dividido em quatro turnos: das 7h às 10h45, das 11h às 14h45, das 15h às 18h45, e das 19h às 22h. Esse modelo foi inspirado em uma estratégia do Sudeste, com o objetivo de acomodar o excesso de alunos sem precisar construir novas escolas. Para isso, criaram turnos extras e até anexos nas escolas existentes.

> "Silvia: Você conhece o sistema de ensino público ou privado? Há escolas perto de sua casa? Ana: Eu moro numa rua onde a escola está bem próxima, a uma quadra de distância. A escola Terezinha de Jesus tem quatro turnos. Ela é bem perto de casa, mas ainda não consegui transferir o título para lá. No bairro, há escolas também, e o que sei sobre a educação aqui são os turnos. Minha sobrinha estuda lá, e observo o movimento dos ônibus escolares quando estou em home office. Um dia, ela me contou que ia mudar de horário, pois houve uma confusão com a professora. Aí soube que seus pais foram chamados e que ela passaria a ter acompanhamento psicopedagógico. Fiquei surpresa, pois não sabia que a escola oferecia esse tipo de suporte. Os pais dela acompanham periodicamente, e ela também tem esse acompanhamento. Então, a escola parece ter uma boa estrutura, mas não sei se é de referência".

As empresas oferecem planos de saúde aos seus funcionários, com um pequeno desconto no salário para a participação. Ana mencionou que a empresa dela recentemente trocou o plano da Unimed para o Unimed Seguros, o que melhorou a cobertura, ela costuma frequentar a unidade básica de saúde para consultas rápidas e vacinas, sua irmã utiliza regularmente esse serviço e a família costuma reclamar da qualidade. A agente de saúde também visita a casa da Ana frequentemente para realizar procedimentos.

Ana explicou que já teve experiências com outros planos de saúde, como o Bradesco e o Hapvida, atualmente, possui o plano da Unimed Seguros, com cobertura ampla, mas sem atendimento para endocrinologia, que ela precisa pagar por fora e pedir reembolso. Ela observa que nem todos têm acesso a serviços de qualidade, mas hoje em dia há melhores opções, inclusive para tratamentos mais complexos, como o diagnóstico de câncer. Embora Parauapebas ainda tenha suas limitações, especialmente no tratamento, a cidade está mais preparada do que antes, poupando as pessoas de viagens longas para obter atendimento.

Ela mencionou que usou o transporte público uma única vez e teve uma experiência frustrante, uma vez que o serviço é demorado, especialmente em algumas linhas que possuem itinerários muito longos. A frota é monitorada via satélite em tempo real, mas o serviço é descrito como caótico.

> "Silvia: Você usa transporte público? Ana: Só precisei uma vez, quando morava no Cidade Nova. Pensei que fosse rápido, mas ao pegar uma van que dizia "shopping", acabei chegando lá às 15h, embora tivesse saído ao meio-dia. Não sei se foi só essa linha, mas foi tão ruim que nunca mais usei o transporte público de Parauapebas".

Ana também relatou como a sociedade reivindica seus direitos, frequentemente por meio de protestos em pontos estratégicos, como nas portarias das empresas ou nas ferrovias. Esses protestos, embora causem prejuízos e interrupções, têm como objetivo chamar a atenção para questões importantes, já que as ações de protesto nessas áreas visam afetar grandes empresas como a Vale, que é um dos principais alvos das reivindicações.

Ela compartilhou que já ajudou a recrutar trabalhadores da região de Salobo, capacitando 357 pessoas da área para trabalhar nas diversas empresas ligadas à mineração, com uma meta específica de 60% de mulheres. Ana destacou que, embora a mineração tenha trazido boas mudanças para a vida de muitas pessoas da região, o ciclo econômico é volátil e o desemprego pode retornar nas próximas crises. A falta de uma economia diversificada e planos sustentáveis, que conciliem desenvolvimento econômico e preservação ambiental, ainda é um desafio para a região. Ela acredita que, se a economia fosse mais equilibrada, as pessoas poderiam se estabelecer na cidade sem a necessidade de migrar para outros lugares em busca de trabalho.

Assim como Carlos e Ana, outros entrevistados como André, Manoel, Robson e Ítalo são migrantes que viram na cidade e nas oportunidades da mineração uma chance de melhorar de vida. André, por exemplo, chegou a Parauapebas através de sua tia, começou a trabalhar em uma churrascaria e acabou conhecendo o mercado local, antes de se engajar em outros tipos de trabalho na cidade.

Manoel chegou por um convite de um amigo que trabalhava na cidade e acabou se estabelecendo. Robson, oriundo de Palmeiras (TO), veio em busca de melhores oportunidades de trabalho, e ítalo, interessado nas oportunidades de emprego, está cursando Engenharia Elétrica, pois a mineração sempre foi um setor forte na cidade.

Todos os entrevistados, com exceção de Manoel, completaram o Ensino Médio, e muitos estão buscando ou já possuem cursos superiores. André, uma pessoa com deficiência visual, trancou o curso de Física, enquanto Robson, após concluir o Ensino Médio, fez um curso técnico e agora cursa Engenharia Civil. Ítalo, por sua vez, está no quarto período de Engenharia Elétrica. Eles mencionam que a mineração, especialmente a Vale, tem dado oportunidades para os moradores locais, algo que não acontecia anteriormente, quando a empresa dava mais prioridade a trabalhadores de fora do estado.

Ítalo, ao comentar sobre sua formação e escolha de curso superior, destacou que atualmente as empresas da região estão contratando profissionais locais, incentivando-os a fazer cursos para se integrar ao quadro de funcionários. Quando questionados sobre a classe social a

que pertencem com base na renda, muitos expressaram certa insegurança, mas concordaram com Carlos e Ana, argumentando que a classificação vai além do salário. Eles citaram fatores como o poder de compra, o fato de morar de aluguel e a tendência de aumentar os gastos conforme a renda cresce.

A maioria dos entrevistados se classificou na classe C, com uma renda familiar variando entre dois e cinco salários mínimos. Eles observaram que os gastos, especialmente com moradia, são um dos maiores responsáveis por comprometer o orçamento, já que cinco deles moram de aluguel. A moradia, portanto, se mostrou como um indicador importante do comprometimento da renda no Brasil.

Sobre a classe em que se encaixam, André considera a sua como média, associando a possibilidade de adquirir o que deseja à sua situação. Robson, por outro lado, acredita estar na classe baixa por não possuir moradia própria e ainda morar de aluguel. Carlos, também, se vê mais próximo da classe baixa, embora não tenha certeza da classificação. Paulo aponta que, por mais que queira melhorar de vida, sente dificuldades com as despesas, como cursos e custos com manutenção do carro.

Em relação ao bairro, os entrevistados refletiram sobre o custo de vida local, a qualidade das casas e a infraestrutura da região. André mencionou o bairro como ótimo para morar, destacando melhorias com obras como o programa de saneamento e a pavimentação das ruas. Outros, como Paulo e Antônio, classificaram seu bairro como de classe baixa, citando problemas de saneamento, iluminação e segurança, embora não considerassem o local altamente perigoso.

Quanto ao lazer, a maioria dos entrevistados não tem o hábito de sair nas folgas, eles destacaram que a cidade carece de opções culturais e de lazer, com exceção de atividades como esportes e caminhadas. Apenas Clara, Paulo e André mencionaram praticar atividades regularmente, como academia e esportes. Poucos conhecem os atrativos turísticos da região, sendo Antônio e Ana os que mais exploram as opções da Serra dos Carajás, a cidade, segundo Paulo, carece de opções de lazer adequadas, e ele acredita que seria importante criar atrativos turísticos para aumentar o fluxo de visitantes e gerar mais receitas, durante as férias, muitos saem da cidade para visitar parentes em outros municípios e estados.

No que se refere ao cotidiano de trabalho, os trabalhadores da mineração enfrentam longas jornadas, com turnos de 12 horas e deslocamentos que podem durar até seis horas. A rotina de quem trabalha com a escala de 3x3, como André, Carlos, Ítalo e Manoel, é bastante cansativa, já os que atuam no regime administrativo, como Clara, trabalham de segunda a sexta-

feira, com carga horária de 8 horas, podendo se estender dependendo da demanda. Para Clara e Manoel, o tempo de folga não é suficiente para descansar devido às múltiplas tarefas em casa.

Sobre a relação com o bairro e as atividades cotidianas, muitos entrevistados mencionaram serviços como supermercados, farmácias, padarias, academias e praças. A maioria reside na cidade há mais de dez anos e utiliza os serviços do bairro regularmente, destacando a praticidade de morar em áreas bem localizadas.

Em relação à segurança, muitos apontaram o trânsito como um problema, com o aumento de motocicletas e desrespeito às regras de trânsito. Eles perceberam uma diferença de comportamento entre os motoristas em áreas mais afastadas e nas zonas urbanas, onde o respeito pelas leis de trânsito parece ser menor.

Por fim, a saúde é outro ponto crítico, com a maioria dos entrevistados dependente de planos de saúde fornecidos pelas empresas, mas com dificuldades no acesso a consultas especializadas e medicamentos, além de longos períodos de espera para atendimento.

Este estudo revelou como a trajetória de vida dos moradores de Parauapebas, especialmente os entrevistados, está profundamente influenciada pelas dinâmicas da mineração, com destaque para a atuação da Vale S.A. A cidade, com uma economia fortemente dependente da mineração, experimenta impactos não apenas na sua estrutura econômica, mas também no cotidiano e nas decisões de vida de seus habitantes. Exemplos como o de Carlos e Ana demonstram como as oportunidades de emprego proporcionadas pela Vale atraem migrantes para a região e incentivam a permanência de famílias, mesmo diante de desafios econômicos e instabilidade no mercado de trabalho.

As entrevistas revelaram que o fluxo migratório para Parauapebas, impulsionado pela busca por empregos no setor mineral, se acompanha de dificuldades no acesso a moradia de qualidade. O crescimento populacional acelerado, impulsionado pela mineração, contribui para a especulação imobiliária, elevando consideravelmente os preços de imóveis e aluguéis. Muitos entrevistados mencionaram a dificuldade de aquisição de moradia, o que leva as famílias a se planejarem financeiramente e, em muitos casos, buscar alternativas em bairros periféricos, com menos infraestrutura.

Outro ponto recorrente nas falas é a precariedade dos serviços públicos, principalmente na educação e no transporte. Embora, Parauapebas figure entre as cidades com o maior PIB do Brasil, fruto das atividades mineradoras, os entrevistados destacam a insuficiência de investimentos em infraestrutura escolar e na qualidade do ensino público. Apesar da riqueza

gerada pela mineração, a cidade enfrenta profundas desigualdades sociais, com bairros de luxo ao lado de áreas com infraestrutura deficiente.

A mobilidade urbana também é um desafio, com críticas generalizadas ao transporte público, considerado ineficaz e demorado. Diante disso, muitos trabalhadores dependem de transporte privado ou de aplicativos, uma solução imposta pela falta de opções mais eficientes no transporte coletivo.

Além disso, a cidade sofre com a falta de opções de lazer diversificadas. Muitos entrevistados, como André e Ítalo, afirmam que suas folgas são principalmente dedicadas ao descanso, com pouco tempo ou disposição para atividades de lazer. Apesar da presença de atrativos naturais, como a Floresta Nacional de Carajás (FLONA), a maioria dos moradores prefere atividades mais simples e próximas, como idas ao Shopping Center ou caminhadas, isso reflete um estilo de vida voltado para o trabalho, onde o lazer e o turismo ficam em segundo plano.

A extrema dependência de uma única fonte econômica, a mineração, se mostra uma preocupação central para o desenvolvimento sustentável de Parauapebas. Os entrevistados indicam que crises no mercado global afetam diretamente a cidade, com períodos de demissões em massa e instabilidade econômica. Isso reforça a necessidade de diversificar a economia local e investir em setores que possam proporcionar maior estabilidade e qualidade de vida para os moradores.

As entrevistas também mostram que, apesar das semelhanças nas experiências de vida, há variações significativas nas percepções dos entrevistados. A posição econômica, o tempo de residência e o nível educacional influenciam diretamente as opiniões de cada um. Trabalhadores em cargos técnicos ou administrativos, como Ana, tendem a perceber maior estabilidade e benefícios proporcionados pela empresa, enquanto os trabalhadores em funções mais operacionais, como Carlos e Manoel, destacam os impactos do trabalho árduo e as limitações quanto ao lazer e à mobilidade. As percepções de classe social também variam, com alguns se considerando classe média com base na renda, enquanto outros, considerando fatores como moradia e poder aquisitivo, se classificam como classe baixa.

Por fim, a tipologia dos entrevistados reflete expectativas e experiências distintas em relação ao território. Os moradores mais antigos, como Ana e Carlos, têm uma visão mais crítica sobre as transformações locais e seus impactos, enquanto os recém-chegados, como Ítalo e Robson, possuem expectativas mais focadas em oportunidades de emprego e crescimento profissional. De maneira geral, as entrevistas revelam uma tensão entre a promessa de

desenvolvimento econômico trazido pela mineração e os desafios estruturais enfrentados pela cidade, principalmente nas áreas de infraestrutura, qualidade de vida e estabilidade econômica.

Em resumo, as entrevistas mostraram que a vida em Parauapebas é moldada pela mineração, que influencia fortemente a experiência dos moradores, tanto nas oportunidades de trabalho quanto nos desafios relacionados à moradia, infraestrutura, serviços públicos e lazer. Ao mesmo tempo, as dificuldades econômicas e a dependência da mineração reforçam a necessidade urgente de diversificação econômica para garantir um futuro mais estável e sustentável para a cidade.

O estudo sobre Parauapebas, uma cidade cuja dinâmica é fortemente influenciada pela Vale S.A., revela um cenário de contrastes entre o crescimento urbano e as condições periféricas de grande parte da população. A cidade, marcada por uma economia, predominantemente, voltada para a mineração, enfrenta desafios relacionados tanto ao seu desenvolvimento físico quanto ao seu impacto social, psicológico e econômico sobre os moradores.

A rápida expansão urbana de Parauapebas, decorrente, especialmente, da atuação da mineradora Vale, resultou em um crescimento desordenado da cidade. A chegada de trabalhadores e suas famílias, atraídos pelas promessas de emprego e estabilidade financeira proporcionadas pela mineração, criou uma pressão sobre os serviços urbanos e a infraestrutura da cidade. Ao mesmo tempo, o crescimento acelerado e a escassez de planejamento urbano resultaram em uma acentuada periferização, com bairros em expansão carecendo de infraestrutura básica e serviços públicos de qualidade. O aumento da população, sobretudo em função da migração, sobrecarregou o mercado imobiliário, levando à especulação e ao aumento descontrolado dos preços de imóveis e aluguéis.

A especulação imobiliária, impulsionada pela dependência da cidade da mineração, acentuou ainda mais as desigualdades sociais. Enquanto algumas áreas urbanas, favorecidas pela proximidade com os subcentros e áreas de lazer, se tornam mais desenvolvidas, outras regiões, mais periféricas, sofrem com a falta de investimentos em infraestrutura e serviços básicos. Esta desigualdade espacial reflete a dicotomia da cidade, onde o luxo e a pobreza convivem de maneira desigual, com as elites se concentrando em bairros planejados e as camadas populares ocupando áreas de difícil acesso, com baixa oferta de serviços públicos e segurança.

Parauapebas, como muitas cidades dominadas por grandes corporações, vive sob a psicosfera imposta pela presença da Vale S.A. O poder econômico da mineradora molda a cidade de diversas maneiras, não apenas no aspecto físico e infraestrutural, mas também nas

atitudes e percepções dos seus habitantes. A mineração, com sua imensa força de trabalho e a promulgação de uma cultura corporativa, cria um ambiente em que as relações sociais e o próprio modo de vida dos moradores são profundamente influenciados por essa dinâmica. O modo de vida local, muitas vezes, é determinado pela rotina de trabalho imposta pela Vale, com longas jornadas e uma escassez de tempo livre para atividades pessoais e lazer.

Os trabalhadores da Vale, como observados nas entrevistas, expressam uma sensação de dependência em relação à empresa, que se reflete tanto nas suas expectativas quanto nas suas frustrações. Por um lado, a mineração oferece oportunidades de emprego e uma certa estabilidade econômica, mas por outro lado, impõe uma rotina desgastante, com pouco espaço para outras dimensões da vida. As decisões de vida de muitos moradores são orientadas por essa dinâmica: a busca incessante por empregos na Vale, a migração para a cidade, a adaptação às condições locais de trabalho e o esforço para manter uma vida estável em um cenário de insegurança e incertezas econômicas.

A psicosfera da mineradora também se manifesta nas relações sociais e na forma como os moradores percebem seu pertencimento à cidade. A grande concentração de poder econômico nas mãos da Vale cria uma hierarquia social, onde os empregados da empresa, principalmente aqueles em cargos mais baixos, se veem em uma posição subalterna, com suas vidas sendo determinadas em grande parte pelas necessidades e demandas da corporação. Ao mesmo tempo, a empresa exerce um controle implícito sobre o imaginário coletivo, influenciando o modo como as pessoas se veem e interagem com a cidade e o mundo ao seu redor.

A dependência econômica de Parauapebas da mineração, exemplificada pela atuação da Vale S.A., apresenta desafios significativos para a construção de um desenvolvimento urbano e social sustentável. A concentração de riqueza nas mãos de uma única empresa e a falta de diversificação econômica colocam a cidade em uma posição vulnerável, especialmente diante das flutuações do mercado global de minérios. As crises internacionais podem resultar em demissões em massa e instabilidade econômica, o que afeta diretamente a qualidade de vida dos habitantes e a estabilidade da cidade.

Além disso, a escassez de investimentos em setores essenciais, como educação, saúde e transporte, tem consequências diretas para o bem-estar da população. A falta de infraestrutura básica nas áreas periféricas, somada à carência de serviços públicos adequados, acentua as desigualdades sociais, dificultando o acesso da população mais pobre aos direitos fundamentais. A mineração, embora seja o principal motor da economia local, também tem impactos negativos

ambientais e sociais, contribuindo para a degradação do meio ambiente e a marginalização de grande parte da população.

Em Parauapebas, a Vale S.A. exerce uma influência determinante sobre a cidade, desde a sua estrutura física até as relações sociais e econômicas. A expansão urbana desordenada, acompanhada pela periferização, a desigualdade no acesso à moradia e serviços, e a psicosfera da grande corporação mineral, formam um cenário complexo em que o desenvolvimento da cidade é marcado por contrastes e desafios. Embora a mineração tenha trazido benefícios econômicos e a possibilidade de emprego para muitas famílias, ela também impõe limitações ao desenvolvimento sustentável, à diversificação econômica e à melhoria da qualidade de vida da população. A reflexão sobre esses desafios é fundamental para o planejamento de um futuro mais equilibrado e sustentável para Parauapebas, onde o crescimento urbano e a presença da Vale possam coexistir com um maior bem-estar para todos os seus habitantes.

Considerações finais

Ao findar esse estudo sobre Parauapebas, a "Cidade da Vale S.A.", destacam a complexa interação entre a expansão urbana, as dinâmicas de periferização e a psicosfera gerada pela presença dominante da mineração na cidade. A análise revelou que a trajetória de Parauapebas é marcada pela forte dependência econômica da mineração, com a Vale S.A. sendo o principal vetor de desenvolvimento, mas também de desigualdades e desafios estruturais. O crescimento acelerado da cidade, impulsionado pela mineração, resulta em uma urbanização que, apesar de notável, evidencia grandes disparidades na distribuição de serviços e infraestrutura, a expansão urbana, muitas vezes, com áreas centrais mais desenvolvidas, enquanto as periferias enfrentam carências em termos de acesso a moradia, serviços públicos e infraestrutura básica.

Por outro lado, a psicosfera gerada pela presença da Vale S.A. é notável na configuração das relações sociais e no modo de vida dos habitantes. A forte influência da corporação sobre a economia local e sobre as trajetórias de vida dos moradores reflete um cenário de dependência e, muitas vezes, de vulnerabilidade, com a população sujeita aos ciclos de alta e baixa do mercado mineral. Essa dependência econômica cria uma realidade onde, apesar do alto PIB gerado pela mineração, muitos dos cidadãos da cidade enfrentam dificuldades em aspectos cruciais como a educação, a saúde e o transporte público.

É fundamental ressaltar que, embora a mineração tenha impulsionado o desenvolvimento econômico de Parauapebas, ela também reforça um modelo de cidade

centrado em uma única atividade econômica, o que expõe a fragilidade de um crescimento sustentável. A necessidade de diversificação da economia local e o investimento em outras áreas que possam gerar empregos e qualidade de vida para os habitantes tornam-se essenciais para evitar que a cidade continue à mercê das flutuações do mercado global. A falta de alternativas econômicas representa um risco para o futuro da cidade, pois crises no setor mineral têm impactos diretos e devastadores na vida da população.

Além disso, o estudo apontou que a cidade de Parauapebas, apesar de seu crescimento, ainda carece de políticas públicas que abordem as questões estruturais de maneira integral. A promoção de uma urbanização mais equilibrada, que considere as necessidades das periferias, a oferta de serviços públicos de qualidade e a criação de alternativas de lazer e cultura, são aspectos que merecem atenção especial. A construção de uma identidade local que não se baseie, exclusivamente, na mineração, mas também em um fortalecimento da cidadania e do bem-estar social, é crucial para a superação das limitações impostas pela atual configuração socioeconômica.

Assim sendo, Parauapebas vive um paradoxo entre o progresso proporcionado pela mineração e os desafios de um desenvolvimento urbano e social desigual. Para que a cidade se torne mais inclusiva e sustentável, será necessário um esforço conjunto entre governo, empresas e sociedade civil para promover políticas públicas que priorizem a qualidade de vida, a educação, a saúde e a diversificação econômica. Somente assim, Parauapebas poderá se afirmar como um modelo de desenvolvimento equilibrado, onde a mineração seja uma fonte de prosperidade, mas não a única diretriz para o seu crescimento.

Referências

ALMEIDA, João Carlos. **Impactos sociais da mineração nas cidades brasileiras.** São Paulo: Ed. Brasil Sustentável, 2017.

FERREIRA, João. **Mineração e desenvolvimento urbano: O caso de Parauapebas.** Belém: UFPA, 2009.LEFEBVRE, Henri. **A revolução urbana**. 2a reimpr. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.

MARICATO, Ermínia. **O impasse da política urbana no Brasil.** São Paulo: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, Maria Helena. **Responsabilidade social e as corporações mineradoras no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Jurídica Nacional, 2019.

ROLNIK, Raquel. **Territórios de exclusão: desigualdade urbana e segregação espacial**. São Paulo: Editora 34, 2009.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço e Tempo**. ed1. Editora Edusp. São Paulo, 1994.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. ed.1. Editora Edusp. São Paulo, 1996.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização:** do pensamento único à consciência universal. ed.11. Editora Record. Rio de Janeiro, 2004.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 2006.

SILVA, Maria. **Impactos da mineração na urbanização de cidades mineradoras**. São Paulo: Editora Atual, 2021.

SILVA, Pedro Augusto. **Economias dependentes e os desafios das cidades mineradoras no Brasil.** Brasília: Ed. Política e Gestão, 2018.

SOUZA, Ricardo José. **Mineração e desenvolvimento urbano: uma análise crítica.** Belo Horizonte: Ed. Minerar, 2015.